

# **A APLICAÇÃO DA BIBLIOTERAPIA ATRAVÉS DA HORA DO CONTO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS: PESQUISA E AÇÃO NO LAR DA CRIANÇA RAIO DE LUZ<sup>1</sup>**

**Francine Baumbach Mattos**

## **Resumo**

Este artigo trata de uma pesquisa-ação que buscou avaliar a aplicação da biblioterapia, através da “hora do conto”, para a melhora da autoestima de crianças e adolescentes institucionalizadas no Lar da Criança Raio de Luz na cidade do Rio Grande-RS. Para a coleta de dados, foram realizadas sete seções de biblioterapia desenvolvidas com um grupo de crianças da faixa etária dos nove aos 14 anos de idade. Como resultado, verifica-se que a hora do conto, como método biblioterápico, apresentou um papel importante tanto no aumento da autoestima das crianças como no incentivo a leitura, embora o último não tenha sido objetivo da proposta.

**Palavras-chave:** Biblioterapia desenvolvimental. Hora do conto. Orfanato. Adolescentes. Crianças institucionalizadas.

## **1 INTRODUÇÃO**

As crianças que residem em casas de abrigo e orfanatos necessitam que o olhar da sociedade volte-se às suas carências. A comunidade acadêmica, principalmente, com suas mais diversas áreas de atuação pode, sem dúvida, ajudar a suprir as necessidades desses lugares em diversas áreas, como por exemplo, na educação, administração, psicologia, saúde. E por que não biblioteconomia?

Parte do currículo da Biblioteconomia, a biblioterapia tem como intuito ajudar as pessoas em seus pequenos problemas pessoais, provocando, através da identificação com os personagens das histórias, a catarse, que é a expurgação, ou seja, a eliminação de emoções reprimidas. Através disto, visa à melhora da qualidade de vida dos envolvidos nessa atividade. Roudinesco e Plon (1998, p. 107, grifo dos autores) definem a catarse como sendo:

A palavra grega utilizada por Aristóteles para designar o processo de purgação ou eliminação das paixões que se produz no espectador quando, no teatro, ele assiste à representação de uma tragédia” sendo tal termo

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso de Biblioteconomia, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, orientado pela Prof<sup>ª</sup>. Dra. Renata Braz Gonçalves

“retomado por Sigmund Freud e Josef Breuer, que, nos Estudos sobre a histeria, chamam de método catártico o procedimento terapêutico pelo qual um sujeito consegue eliminar seus afetos patogênicos” e, dessa forma, “ab-reagi-los, revivendo os acontecimentos traumáticos a que eles estão ligados”.

A biblioterapia, quando consegue atingir seu objetivo e causar a catarse, age como um procedimento terapêutico, no auxílio à eliminação de problemas patogênicos, através das lembranças de acontecimentos traumáticos.

É por esse motivo que a biblioterapia foi escolhida como tema de pesquisa para esse trabalho, o qual visa avaliar a aplicação da biblioterapia através da hora do conto com crianças institucionalizadas no Lar da Criança Raio de Luz, na Cidade do Rio Grande.

A prática foi desenvolvida no Lar da Criança Raio de Luz, que é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos, fundada em 1999, por um segmento da sociedade civil organizada, que tem como princípio o atendimento em regime de abrigo de crianças e adolescentes em idade de zero a dezoito anos, retiradas da família por determinação judicial. (In: LAR DA CRIANÇA RAIOS DE LUZ, 2011). A instituição possui uma diretora, 15 funcionárias e 24 crianças internas, de acordo com os dados coletados até o início de setembro de 2011. Contudo, o número de crianças institucionalizadas é variável.

Como instrumento para a aplicação da biblioterapia, foi escolhida a hora do conto, por se acreditar que esta seria uma ferramenta lúdica e eficaz, já que as crianças adoram ouvir histórias e apresentam abertura para a participação nesta atividade. Através da hora do conto, com assuntos/temas específicos, objetivou-se verificar se esta intervenção auxiliaria na formação pessoal e/ou na melhora da qualidade de vida destas crianças.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

A biblioterapia não é um método recente, os egípcios e os gregos já associavam a leitura como forma de tratamento espiritual e médico. Montet (1989 apud FERREIRA, 2003, p. 36) em seu estudo sobre biblioterapia relata que, no antigo Egito, as bibliotecas eram consideradas espaços de conhecimento e espiritualidade. Como evidência disso, Alves (1982 apud FERREIRA e GUEDES,

2008, p. 48) diz que, “O faraó Ramsés II mandou colocar no frontispício de sua biblioteca ‘Remédios para a alma’.” Pode-se citar, também, Ferreira e Guedes (2008, p. 48) ao afirmar que “na Grécia antiga, o método de curar por meio de livros fazia parte de sua cultura: na porta da biblioteca de Tebas estava escrito ‘lugar de cura da alma’.”

Estes fatos comprovam que há muito tempo os benefícios terapêuticos dos livros são conhecidos. Entretanto, na área da biblioteconomia, é um método relativamente novo e que apenas recentemente passou a ser mais explorado pela área. Lucas, Caldin e Silva (2006, p. 2) citam que:

De maneira alguma diminui-se a importância da técnica da profissão do bibliotecário, afinal é a sua essência. Porém, exercer o papel social é, de certa maneira, o ápice, considerando à realidade atual do país, que tem sede de cidadãos leitores e de agentes fomentadores da leitura.

Desta forma, há a necessidade de voltar-se ao social e desviar o foco, que se encontra essencialmente na técnica. Somos um país em pleno desenvolvimento e que necessita de sujeitos agentes e transformadores da realidade educacional e cultural, para tal é necessário cidadãos leitores e promotores da leitura. Incentivar as crianças para que elas se tornem estes agentes é um dos papéis da biblioteconomia aliada a biblioterapia desenvolvimental.

Segundo Ferreira e Guedes (2008, p. 48), ao final do século XVIII, a biblioterapia era utilizada em hospitais e, preferencialmente, no tratamento de pacientes com problemas psicológicos. Benjamin Rush, em 1802, buscou utilizá-la também com os pacientes comuns. Hoje já é utilizada em diversos outros âmbitos, como escolas, creches, asilos, prisões e orfanatos. Ratton (1975, p. 2) afirma que para a biblioteconomia começou um pouco mais tarde, “em 1904, quando a biblioteca do MC Lean Hospital, em Massachussets, iniciou um programa envolvendo os aspectos psiquiátricos da leitura.” Rosa (2006, p. 21) conclui que:

Devido ao fato de ter desenvolvido principalmente no ambiente dos hospitais e clínicas de saúde mental, a biblioterapia foi aplicada quase de forma corretiva, e voltada para aspectos clínicos de cura e restabelecimento de pessoas com profundos distúrbios emocionais e de comportamento.

Ferreira e Guedes (2008, p. 49) apontaram que a biblioterapia só foi aplicada em caráter preventivo posteriormente em crianças, adolescentes e jovens, em ambientes como: escolas, bibliotecas e centros comunitários.

Esta biblioterapia que se caracteriza de forma preventiva e até mesmo corretiva em conjunto com profissionais de outras áreas é a biblioterapia desenvolvimental. Ela pode, desta forma, ser aplicada por bibliotecários.

Simões (2010, p. 7) cita um estudo feito por Clarice Caldin, publicado no artigo *A Leitura como função terapêutica: biblioterapia*. A pesquisadora destaca estudos sobre o tema, salientando, quais trabalhos foram desenvolvidos e com qual propósito, identificando essas ações em uma ordem cronológica. Estes estudos relatam a biblioterapia realizada com os mais diversos públicos, concluindo que, em suas variadas facetas, sempre alcançou êxito nos resultados obtidos.

Estudiosos do assunto relatam que a função da biblioterapia é ajudar as pessoas a lidarem com os seus pequenos problemas pessoais. Hasse (2004, p. 25) afirma que “este método permite que a pessoa desenvolva um senso de identidade com novas perspectivas que conduzam à motivação no comportamento, para se adaptarem de maneira satisfatória às diferentes situações em suas vidas.”

Para esta pesquisa, a biblioterapia foi desenvolvida através da hora do conto. Esta atividade, realizada de forma correta, pode provocar a catarse no ouvinte leitor que é o objetivo de toda biblioterapia.

Antes do início de qualquer atividade que envolva “hora do conto” é necessário entender que essa não se dá somente no ato de pegar um livro e ler para as crianças/ouvintes/expectadores. Apenas ocorrerá uma “hora do conto” quando o responsável por essa atividade, no caso o bibliotecário, entender que o contador de histórias deve ser um mediador entre o mundo da leitura e as crianças. Como afirmam Bernardes, Borges e Blattmann (2003, p. 4, 5, grifo dos autores):

“o contar ou narrar não deixa de ser uma arte teatral conjuntamente com a afetividade, a sensibilidade, a emoção e o carisma que devem estar integrados nesse processo”, pois, “o contador e os contos formam uma unidade que vão além do ato educativo”; dessa forma, “contador e contos possuem uma ação terapêutica que precisa ser bem dimensionada para que os efeitos sejam sempre favoráveis ao crescimento daquele que ouve, seja criança ou adulto”.

A hora do conto é um teatro cujas peças são as histórias que o contador interpreta, e este só conseguirá envolver as crianças na história quando realmente interpretá-la, pois fará com que o mundo ficcional dos contos passe por alguns minutos a ser real e visível, um pouco além da pura imaginação. Segundo Caldin (2009, p. 10):

Os contos de fadas são histórias de *transformação*, ou seja, de mudanças. As personagens encontram-se sempre em metamorfose: sapos viram príncipes, feios adquirem beleza, covardes ganham ousadia, pequenos tornam-se grandes (por feitos valorosos), meninas maltratadas transformam-se em princesas, crianças derrotam animais ferozes, bruxas e ogros, ou seja, não são personagens passivas. Conquanto se valham de objetos mágicos ou de ajuda externa como fadas ou animais encantados, as personagens agem para modificar a situação incômoda a que se acham sujeitas. É esse não-conformismo que seduz e encoraja a identificação.

O uso da literatura ficcional na biblioterapia obtém resultados significativos, pois os personagens ficcionais despertam a catarse no ouvinte/leitor que passa por uma situação parecida com a do personagem. Quando o leitor/ouvinte se identifica com as situações vivenciadas pelo personagem ficcional, as emoções que são despertadas neste provocam a catarse, isto é, a liberação das emoções através da identificação:

Catarse (do grego "*kátharsis*") (...)1. Purgação, purificação, limpeza. 2. Med. Evacuação, natural ou provocada, por qualquer via. (...) 3. Psicol. Efeito salutar provocado pela conscientização de uma lembrança fortemente emocional e/ou traumatizante, até então reprimida. 4. O efeito moral e purificador da tragédia clássica, conceituado por Aristóteles, cujas situações dramáticas, (...), trazem à tona o sentimento de terror e piedade dos espectadores, proporcionando-lhes o alívio, ou purgação, desses sentimentos. (...). Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1999)

Entende-se, então, que catarse é o efeito de uma identificação, seja provocada ou espontânea, com alguma situação que traga uma lembrança ou sentimento forte o qual estava, até então, reprimido. Ocorre, a partir da catarse, a purgação ou evacuação destes sentimentos outrora reprimidos, trazendo ao espectador de tais cenas alívio.

### **3 METODOLOGIA DE APLICAÇÃO DA BIBLIOTERAPIA**

A biblioterapia é dividida basicamente em duas categorias: biblioterapia de desenvolvimento, que pode ser realizada por bibliotecários, pedagogos e a biblioterapia clínica, que é desenvolvida por psicólogos clínicos, médicos e enfermeiros. Neste projeto, tratar-se-á apenas da primeira categoria.

A primeira providência foi o diagnóstico das necessidades individuais das crianças, através de entrevista com a psicóloga e a assistente social do Lar, onde

também foram selecionadas as crianças que possuíam maiores dificuldades de relacionamento e entrosamento.

A biblioterapia desenvolvimental tem a finalidade de ajudar as pessoas a lidarem com seus problemas pessoais e cotidianos, para o seu desenvolvimento pessoal. O seu caráter tanto é preventivo quanto corretivo. Para o desenvolvimento deste tipo de biblioterapia é empregada a literatura didática e imaginativa. Por não ser ligada à medicina, ela pode ser realizada por bibliotecários, professores, e outros profissionais. Devido a esta razão, tal categoria da biblioterapia foi utilizada no desenvolvimento desse trabalho. Para Lucas & Caldin (2006, p. 401),

Não basta ler/ouvir e guardar para si as palavras e as emoções que as palavras fizeram aflorar. A troca de interpretações é fundamental no diálogo biblioterapêutico. Palavras e gesto - voz e cor – se unem para fornecer a garantia de que o sujeito não está sozinho – ele pertence a um grupo e se apóia nele. A intercorporeidade aliada à intersubjetividade transforma a leitura coletiva em um ato terapêutico.

Durante a realização das atividades, é necessária a troca constante de interpretações, o diálogo com as crianças é imprescindível para o sucesso da biblioterapia. O seu foco deve estar nelas, em suas interpretações, nos efeitos surtidos em suas emoções, em quais identificações ocorreram. Se o contador for um agente que não ouve, não recebe informação, mas apenas dá, nunca irá perceber os efeitos do conto nas crianças. É necessário estar sensível aos sinais que elas dão. Um gesto, um olhar, uma expressão, um comentário, um desenho, todas estas coisas são formas de linguagem pelas quais as crianças se expressam.

A escolha por essa instituição se deu pelo fato de estar sendo desenvolvido o projeto denominado pela Furg como “Projeto dinamização da biblioteca Raio de Luz<sup>2</sup>” cuja proposta é de que o grupo atue no projeto para promover o incentivo à leitura e à inclusão social/digital. Com isso, foi aberta a oportunidade de ser apresentado ao local este projeto de TCC. A instituição se mostrou aberta ao projeto e vontade de tê-lo sendo desenvolvido com suas crianças.

Segundo relato de uma funcionária da instituição, a principal necessidade das crianças e adolescentes internos são “pessoas”: eles necessitam de carinho, atenção e amor. As crianças vão para o “Lar” por decisão da justiça, que os tirou da

---

<sup>2</sup> Vale destacar que a biblioteca foi inaugurada em maio de 2011 e para sua construção, a instituição recebeu incentivos da iniciativa privada.

guarda dos seus pais por diversas situações, dentre elas, maus tratos e violência. Ainda assim, as crianças choram por amor e saudade de seus pais.

## 4 METODOLOGIA DA PESQUISA

As atividades realizadas no projeto foram registradas, assim como os pontos positivos e negativos observados no percurso destas.

Esta pesquisa apresenta abordagem qualitativa, pois, analisou-se a reação e o comportamento das crianças mediante as atividades desenvolvidas, tendo a coleta de dados realizada através da observação do comportamento. Caracteriza-se, também, como pesquisa-ação. Segundo Neto ([2003?], p.2),

Na *pesquisa-ação*, o participante é conduzido à produção do próprio conhecimento e se torna o sujeito dessa produção. Neste aspecto, essa metodologia se distancia das demais e se afirma, constituindo-se como fundamental instrumento de resistência e conquista popular.

A pesquisa-ação ocorre quando o pesquisador atua/participa diretamente da pesquisa como agente transformador, ou seja, a partir de uma ação ou série de ações deste, visando obter, através da observação das reações e comportamentos dos participantes, os resultados da pesquisa, não se baseando apenas em dados estatísticos ou teóricos, mas constatando-os na prática, baseados em experiências reais. BORDA (1974, p. 41 apud NETO, p. 2) diz que “Não pode haver separação entre o pesquisador e a metodologia.”

Faz-se necessária a militância do pesquisador, já que sem a prática não será possível deduções de cunho teórico ou mesmo a validade ou não do conhecimento. Contudo, o pesquisador não pode simplesmente sair a campo sem o conhecimento teórico do objeto/assunto de pesquisa, coletando dados aleatórios sem ter conhecimento de causa, já que a metodologia e a prática estão interligadas.

Esta pesquisa deu-se de forma qualitativa, pois foi avaliado o processo da biblioterapia desenvolvimental e seus impactos nas crianças selecionadas. A pesquisa qualitativa ramificou-se em pesquisa-ação, na qual foi realizada a biblioterapia em uma casa de abrigo para menores. Com a finalidade de avaliar a aplicação dessa intervenção, buscou-se saber se é possível ou não, obter resultados a partir dessa prática. Portanto, a pesquisadora, neste caso, aplicou a intervenção

para coletar os dados e verificar os efeitos das atividades biblioterapêuticas em crianças institucionalizadas.

A seleção das crianças que foram observadas se deu através de entrevistas com a psicóloga e a assistente social do Lar. Pela entrevista, elas indicaram as crianças com o perfil mais triste, tímido e isolado. Foram indicados para serem observados dois meninos, um com 12 anos de idade que será chamado de **M12** e o outro com 14 anos que será chamado **L14**, que, segundo a equipe de profissionais da casa, apresentavam um quadro de baixa autoestima.

As crianças foram divididas em dois grupos. O primeiro grupo com crianças de quatro a oito anos e o segundo grupo com crianças de nove a 14 anos. Contou-se com o auxílio de três acadêmicos do terceiro ano do curso de biblioteconomia, integrantes do Projeto dinamização da biblioteca Raio de Luz. Dois acadêmicos ficaram com o primeiro grupo, e uma acadêmica auxiliou a contadora/pesquisadora no segundo grupo.

Por questão de ética, os nomes das crianças não serão divulgados, e serão utilizadas as iniciais e a idade para a identificação das crianças. Na análise dos dados aparecerão referências a outras crianças. Por esta razão, os meninos observados serão destacados em negrito.

A biblioterapia foi desenvolvida através da hora do conto feita com literatura sobre assuntos específicos, que foram selecionados conforme as necessidades das crianças.

Segundo Caldin (2010, p.13), “Conquanto haja quem defenda na biblioterapia de desenvolvimento o uso de materiais informacionais ou didáticos, na maioria das vezes se utiliza textos literários por acreditar no potencial terapêutico do material ficcional.” Caldin (2009, p. 149) afirma que

Nas atividades de biblioterapia existe a preocupação e o cuidado em apresentar ao público-alvo textos literários que proporcionem prazer, alegria, descontração, elementos necessários ao bem-estar do ser humano. Busca-se, na produção literária, histórias, contos e poesias com possibilidades terapêuticas, que expressem conteúdos da ficção gostosos de se ler, textos com lacunas a serem preenchidas pela imaginação e emoções dos leitores, ouvintes ou espectadores, ou, em outras palavras, aqueles textos de fruição que proporcionem a passagem da fala falada à fala falante, provocadores, catárticos.

Foi realizada uma pesquisa no orfanato para saber quais eram as necessidades das crianças, para poder ser escolhido o material literário do projeto a



partir delas. Foi constatada que a principal área que necessita um trabalho é a autoestima.

Segundo Ratton (2008, p. 199), “Seleção e prescrição de livros de acordo com as necessidades dos pacientes, condução da terapia baseada em comentários de leitura, e avaliação dos resultados é necessária”. Segundo Guedes (2008, p. 46),

Os resultados são variados dependendo do método utilizado (leitura, atividades lúdicas, hora do conto, e outros). É nessa etapa de escolha do texto que entra o papel do bibliotecário que deve conhecer tanto os livros como os leitores, e a partir daí definir os efeitos de colocar os dois juntos.

Já Caldin (2009, p. 150) afirma que

Em se tratando de crianças, lembram Yunes e Pondé (1998, p.47) que o “discurso literário abre perspectivas para a percepção do mundo do ponto de vista da infância, traduzindo então suas emoções, seus sentimentos, suas condições existenciais em linguagem simbólica que efetue a catarse.” A literatura age, então, como um brinquedo bem elaborado, um jogo cujos dados são a emoção e a imaginação – que apresenta, ao seu final, alívio das pressões da dominação adulta no universo infantil.

Quando o ser humano analisa a emoção, este consegue se compreender como ser humano. E a imaginação permite a ele tornar presente aquilo que está ausente, ela é criadora e transformadora. Sunderland (2005, p. 28) afirma que

A história terapêutica oferece à criança novos modos de pensar sobre seus sentimentos difíceis. A história apresenta sentimentos que já foram rigorosamente pensados pelo autor. Em geral, isso é extremamente útil para a criança que teve esses sentimentos problemáticos sem conseguir pensar direito sobre eles. Pois as histórias terapêuticas permitem que a criança assuma um novo modo de ver a situação, de conhecê-la ou de se relacionar com alguém ou alguma coisa em sua vida. [...] Todo sentimento doloroso ou intenso demais exige tempo para a reflexão. Uma história terapêutica proporciona esse tempo.

Depois de selecionados os sujeitos da pesquisa (conforme já explicado), foi feita uma entrevista aberta e informal para colher dados sobre idade, escolaridade, gosto pela leitura, tipo de leitura preferida quanto à forma e gênero, no primeiro dia da atividade. Com isso foi possível levantar dados para a implementação da biblioterapia. Após essa etapa e início das seções de biblioterapia, foi realizada semanalmente uma avaliação com as crianças e feito um registro das atividades e das observações das crianças e seus comportamentos frente às atividades propostas.

## 5 AVALIANDO A PRÁTICA BIBLIOTERÁPICA E SEUS EFEITOS: RESULTADOS DA PESQUISA

Como citado anteriormente, a coleta de dados ocorreu durante sete encontros semanais, que serão detalhados a seguir, na ordem em que aconteceram.

1ª Semana:

Neste primeiro encontro, foi apresentada a proposta do Projeto dinamização da biblioteca Raio de Luz. Participaram das atividades desse dia sete ouvintes/expectadores, número dividido entre crianças e adolescentes na faixa etária dos nove aos 16 anos.

Os dois jovens que foram observados no estudo apresentaram grande interesse pelas atividades desenvolvidas, tiveram uma participação significativa e mostraram-se bastante participativos e abertos para as atividades. A história que foi contada nessa primeira seção foi “O Dono Da Bola” do livro *Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias* de Ruth Rocha, editora Salamandra, 1999. Nesse dia o menino C16 estava presente. Este tem 16 anos, e algo inesperado aconteceu: ele, por ser mais velho, estava achando a ideia de hora do conto desinteressante. O menino C16 encontrava-se com a cabeça na mesa como se estivesse dormindo, porém, quando a contação da história iniciou, levantou a cabeça de ímpeto e prestou atenção em toda história. A mudança de postura demonstrou que a atividade desperta o interesse até mesmo dos adolescentes.

O *menino M12*, que é um dos meninos que foram observados, mostrou-se muito interessado e empolgado. Ele acompanhava o livro por onde este era levado e na hora da discussão foi bem participativo e desinibido. A atitude do menino **M12** aponta para a desinibição que as crianças possuem frente à atividade lúdica. Constata-se, ainda, um efeito positivo referente à hora do conto, e que esta ferramenta é aceita facilmente no meio infantil, por se tratar de uma atividade prazerosa e divertida para as crianças.

O *menino L14*, outro menino que foi observado, também participou ativamente das atividades sem apresentar problema, esteve sempre atento e colaborativo, embora tenha se mostrado um pouco mais tímido do que o *menino M12*. Como complemento da atividade, as crianças pediram para fazer desenhos da história. Elas demonstraram nos desenhos que entenderam a história, pois alguns

desenhos retratavam os efeitos do egoísmo. Como exemplo, um dos desenhos apresenta um menino sozinho no meio do campinho de futebol com a bola embaixo do braço e com a fisionomia triste.

## 2ª Semana:

Nesse dia o número de crianças foi menor devido às férias escolares, e muitos estavam nos padrinhos afetivos<sup>3</sup>. Mas o menino **L14** estava presente e foi bem participativo. A história contada foi “A tartaruga mais veloz do mundo do livro Lições de Vida – histórias que divertem e ensinam, Dr. Lair Ribeiro, Editora Leitura, 2002. As colocações das crianças foram inusitadas: o menino VT10 considerou desonesta a forma pela qual a tartaruga ganhou a corrida, pois seus amigos “turbinaaram o seu casco”. Essa é uma questão interessante, pois as crianças discutiram sobre o assunto e isso aponta para o envolvimento que tiveram com a história e, ainda, que identificaram a questão do “certo ou errado”, mesmo sem ser o foco do autor. Pode-se identificar, a partir disso, a catarse, pois a história mexeu com seus sentimentos e convicções e acreditaram que a atitude que a tartaruga teve para conquistar seu sonho foi desonesta.

A atividade posterior foi escrever e desenhar o sonho que eles possuem para o futuro e pelo qual precisam trabalhar para alcançá-lo. O menino **L14** quer ser policial e fez colocações relevantes sobre a história, entendeu que é necessário trabalhar para realizar os sonhos. Os meninos C16 e **L14** identificaram semelhanças entre suas vidas e a moral da história, relataram que estão fazendo um curso técnico e, com isso, se preparando para ter uma profissão. Constatou-se com esses relatos a reflexão que a história provocou nas crianças e nos adolescentes.

## 3ª Semana:

Nesse dia as crianças maiores estavam nas casas dos seus padrinhos afetivos, dessa forma realizaram-se atividades apenas com o grupo das crianças pequenas que não são sujeitos da pesquisa.

---

<sup>3</sup> O objetivo do Programa de Apadrinhamento Afetivo (PAA) é proporcionar a convivência familiar, com padrinho ou madrinha, para aquelas crianças e adolescentes abrigados com poucas chances de serem adotados, pois a maioria das pessoas opta por adotar crianças menores. Por isso, as crianças que participam do Programa são maiores de cinco anos. Além disso, é preciso haver uma diferença de 16 anos entre madrinha/padrinho e afilhado(a), sendo que estes não podem estar cadastrados para adoção.

#### 4ª Semana:

Retornando às atividades normais após as férias, as crianças estavam muito agitadas e foi difícil desenvolver tais atividades. Acredita-se ser devido às férias e ao tempo em que eles não se viam a agitação demasiada. Nesse dia quem contou a história foi a Grazielle Oliveira<sup>4</sup>, e a história foi “O leão e a reunião na floresta”, uma fábula. A agitação dificultou as atividades e a percepção dos resultados, pois as crianças não estavam abertas para a atividade.

As atitudes agressivas e ofensivas da parte do menino **M12** para com alguns colegas demonstraram desrespeito. Após comentarmos o texto, falando da importância individual de cada um, o menino **M12**, brincando, disse que outro menino não prestava para nada e iniciou-se, a partir disso, uma discussão sobre o assunto, já que a história tratava justamente do papel de cada um e de que todos são importantes e possuem algum talento. Entretanto, **M12** seguiu afirmando que o outro menino não prestava para nada.

#### 5ª Semana:

Nesse dia, estava agendada uma reunião com a psicóloga do lar para avaliação da realização da hora do conto e aplicação da biblioterapia. Antes da reunião com a psicóloga, todos os participantes do “Projeto dinamização da biblioteca Raio de Luz” ficaram na sala com as crianças. Nessa semana havia mais 5 crianças no Lar. Pode-se observar durante esse período as crianças e suas atitudes, o menino **M12** estava agitado e se notou que era devido à chegada das novas crianças, suas atitudes aparentavam ser de exibicionismo.

Na reunião com a psicóloga, os colegas do projeto tiraram suas dúvidas em relação à disciplina com as crianças, ela nos contou a história de algumas delas. Também relatou, após indagação da prof<sup>a</sup> Renata sobre se houvera ou não alguma melhora com o *menino M12*, que ele estava “muito melhor”, e que havia passado neste mesmo ano por uma depressão, que sua autoestima estava baixíssima e se achava “burro e feio”. Achava o garoto, ainda, que não poderia fazer as tarefas da escola, também não queria se arrumar “por que era feio mesmo e não tinha jeito”.

Constata-se, com o relato de melhora dessa criança, que a biblioterapia pode servir de auxílio a outras áreas, como neste caso a área da psicologia. A

---

<sup>4</sup> Acadêmica do terceiro ano do curso de biblioteconomia, integrante do Projeto dinamização da biblioteca Raio de Luz.

biblioterapia apresentou-se como uma ferramenta auxiliar no tratamento da autoestima do menino **M12**, pois, segundo a psicóloga, até aquele momento da reunião, o menino estava apresentando um quadro melhor de autoestima, estava mais participativo, mais alegre. A psicóloga relatou que a biblioterapia, em conjunto com outras ações desenvolvidas pela equipe do Lar, poderia estar ajudando **M12**.

#### 6<sup>a</sup> Semana:

Nesse dia as crianças estavam proibidas de ir à biblioteca, devido ao comportamento do último dia de atividade. Então, houve a necessidade de mudança de planos, pois já estava preparada a hora do conto e a atividade se estenderia ao uso dos computadores. Portanto, ocorreu uma conversa com eles sobre respeito, disciplina, comportamento, atitudes e consequências. Nesse dia cada criança leu uma estrofe do poema “ninguém sabe o que é um poema” do livro de mesmo título, do autor Ricardo Azevedo, editora Ática, 2005. As crianças ficaram empolgadas com a atividade. Foi mostrado a eles o livro sons do oceano e, depois, cada criança leu sobre uma espécie.

O menino **M12** é sempre muito participativo e queria ler mais de uma vez, entretanto ele não respeita a vez dos colegas e fica conversando. Mas foi chamada a sua atenção e ele se acalmou. O menino **VT10** não queria “bagunça” para poder voltar à biblioteca e fazer a atividade no computador. Nota-se que eles gostam de participar ativamente e não apenas como ouvintes. Sendo contadores de histórias, os mais ousados tentam contar as histórias como a contadora, mostrando o livro para os demais. Com esses resultados, percebe-se a motivação que a hora do conto provoca nesse grupo de crianças e pré-adolescentes para a leitura, a maioria deseja ler mais de uma vez.

#### 7<sup>a</sup> Semana

Nesse dia a atividade teve início com a leitura da história “Ecos da vida”. As considerações foram coerentes e eles entenderam que se não houver respeito aos colegas, amigos, não haverá o respeito mútuo da parte dos demais para com eles. Nesse dia o menino **M12** estava mais eufórico, acredita-se ser pelo motivo de haver mais um menino junto, e aquele quis chamar atenção por isto. Eles escolheram histórias para também contarem, cada um leu a sua história, menos a menina **Vc9**,

pois estava com vergonha por se tratar da mais nova no grupo e possuir dificuldade para ler.

O menino **M12** apresentou o mesmo comportamento das semanas anteriores. Passada a sua vez, ele não quer prestar mais atenção nos colegas, porém lembramos a história inicial e a questão do respeito mútuo, após esse momento ele ficou mais calmo. Esse comportamento mais calmo que o menino **M12** começou a apresentar causa dúvida, pois não se sabia se a biblioterapia estava surtido efeito, deixando-o mais calmo, sem tanta necessidade de chamar atenção ou se ele está mais triste e introspectivo, em virtude de seus problemas pessoais.

Há a necessidade de um conhecimento mais profundo na área da psicologia e um maior acompanhamento dessa criança para poder avaliar essa situação, ou ainda um trabalho em equipe com um profissional da área da psicologia para ser feita uma análise dos resultados surtidos no menino.

8ª semana:

Nesse dia as crianças estavam ansiosas pela hora do conto e, assim que a contadora/pesquisadora chegou, foi recepcionada com carinho, abraços e manifestações de afeto. Inclusive a menina *Vi10* relatou estar com saudade, pois não estava na casa na semana anterior.

Nessa ocasião havia um menino novo na casa. A atividade começou com uma conversa sobre a semana, e alguns teceram comentários. *Vc9* e *VT10* contaram que foram ao casamento de um primo e que a festa durou até as 8h da manhã, o **M12** e a *Vi10*, foram ao cinema com as suas madrinhas que são mãe e filha respectivamente. O menino *Ez8* disse triste que a semana não tinha sido boa, é provável que ele tenha sentido muita saudade de casa, pois ele é um dos “novos” na casa em um total de cinco irmãos.

Uma situação interessante foi o fato de que, assim que a contadora/pesquisadora entrou na sala onde ocorre a hora do conto, eles perguntaram se iriam/poderiam ler, e foram respondidos que, caso se desse tempo, poderiam. Porém essa havia sido a atividade da semana passada, e a *Vc9* que foi a primeira a perguntar se poderia ler, falou que ela não tinha lido. A reação dela foi muito gratificante, já que evidenciou que durante a semana eles conversaram sobre a hora do conto e a atividade de leitura, lembrando que a *Vc9* é a mesma que não quis ler na semana anterior. Essa mudança mostra a ação da catarse, pois a menina

Vc9 conseguiu expurgar sua insegurança quanto à leitura, e apresentou confiança ao fazer o pedido para a atividade.

Após a conversa de contato inicial, foi apresentado o livro, a autora, e iniciou-se a contação da história “Do jeito que você é”, de Telma Guimarães. Depois da história, uma criança relatou que na sua escola havia uma menina esquisita (diferente). As contadoras lhe disseram que todos nós somos diferentes e que não fomos feitos em série. A contadora perguntou se eles sabiam o que significava ser feito em série, e foi dado o exemplo de um fábrica de bonecas, onde a máquina faz várias bonecas, cada boneca igual à outra, explicando que elas são feitas em série. Uma criança já falou: - “ah série é quando é tudo igual”.

Quando se aproximava do fim da atividade, e estavam comentando sobre a próxima semana, que não entrará nos dados dessa pesquisa, *VT10* pediu que fosse contada a fábula do Lenhador e a raposa e explicou como era a história. O fato de pedirem para ouvir uma história conhecida revela a necessidade que as crianças apresentam de identificação com a história, pois eles se sentem seguros em ouvir algo que já conhecem e podem participar efetivamente da história.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento dessa pesquisa-ação envolveu um planejamento da intervenção com a definição dos sujeitos, de suas características e, a partir disso, a definição das obras que seriam adotadas para aplicação da biblioterapia.

Foram escolhidas obras que tratassem da autoestima e da aceitação de cada um como este é. Durante as sessões pode-se perceber que o efeito das histórias durava mais de um dia, pois na semana seguinte as crianças quase sempre se referiam ao tema ou livro discutido no encontro anterior.

Com o desenvolvimento das atividades, foi possível constatar que a biblioterapia obteve resultados satisfatórios. Mediante reunião feita com a psicóloga, ela constatou que o menino **M12** no início do ano apresentou um quadro elevado de depressão e pouca autoestima, e que agora ele estava apresentando melhora significativa.

No desenvolvimento da pesquisa foram constatados alguns pontos positivos e negativos. Um ponto positivo foi a melhora progressiva do comportamento das crianças durante as atividades realizadas, as crianças também apresentaram disposição para a leitura: assim que o grupo chegava ao local elas imediatamente

pediam para ler. Outro ponto positivo atestado foi o aumento da autoestima das crianças institucionalizadas.

Contudo, também foram constatados pontos negativos no desenvolvimento das atividades. A maior dificuldade encontrada no desenvolvimento das atividades foi a falta de subsídio teórico, explicando como desenvolver e avaliar a biblioterapia. Também ocorreram dificuldades quanto à colisão de horários de atividades do menino **L14**. Devido a isso nas últimas sessões ele não esteve presente, o que prejudicou a continuidade da biblioterapia com este menino. Dispôs-se também de pouco espaço de tempo, ocorrendo apenas sete encontros. Avaliar, perceber as mudanças nas crianças foi muito difícil, assim como extrair delas os efeitos da biblioterapia.

Constatou-se, ainda, a necessidade de um trabalho em equipe, com profissional da área da psicologia, para poder ser analisado o efeito da biblioterapia nas crianças. Também foi verificado que, para a obtenção de resultados mais visíveis e significativos, é necessário um período de meses maior para o desenvolvimento da atividade. Ainda há as mudanças que ocorrem no interior dos sujeitos pesquisados, que não podem ser sempre percebidas.

A atividade da hora do conto apresentou um papel extra ao que se propôs, notou-se que a atividade provocou um grande estímulo nas crianças quanto à leitura. Foi verificado em uma terceira criança, a *Vc9*, o aumento da autoestima. Ela não queria participar das atividades de leitura devido à vergonha, por não possuir fluência na leitura. Entretanto, na última semana analisada, apresentou interesse pela leitura e desinibição.

Conclui-se que, apesar das dificuldades e limitações, a biblioterapia aplicada através da hora do conto em orfanatos/casas de abrigo é uma contribuição importantíssima para as crianças, tanto no que diz respeito à catarse, quanto ao incentivo à leitura. Ocorreu grande melhora no comportamento e na autoestima das crianças tanto nas que eram o foco da pesquisa quanto nas demais. Faz-se necessário trabalhar no âmbito acadêmico o lado social das áreas para que possam contribuir para lugares como este aqui apresentado.

Àquele que desejar realizar a biblioterapia aconselha-se procurar ajuda de um profissional da área da psicologia. Dependendo do local pretendido para a realização das atividades, já haverá um profissional da área atuando. Nesses casos



a obtenção de resultados pode ser maior, por tratar-se de um profissional que conhece as necessidades e acompanha os sujeitos da pesquisa.

Acredita-se que o “biblioterapeuta” deve entrar em contato com o local e verificar a disponibilidade e abertura que este apresenta para a realização das atividades. Após essa etapa, devem-se conhecer os sujeitos da pesquisa, quanto ao gosto pela leitura, hábitos literários e necessidades a serem tratadas.

Também é interessante o trabalho em grupo, ou seja, buscar auxílio para a realização das atividades, com um ou mais ajudantes. Além disso, fazer um acompanhamento e avaliação semanal para discutir e analisar os pontos positivos e negativos das atividades é desejável. Manter um diálogo e relação de amizade com os sujeitos de pesquisa também facilitará a realização das atividades, pois estes se sentirão mais desinibidos e seguros no decorrer dos encontros. Observou-se que, quando há respeito e amizade, a criança sente-se mais segura.

## Referências

BERNARDES Lúcia de Lourdes Rutkowski; BORGES, Ilma; BLATTMANN, Úrsula. **A arte-educação como intervenção psicológica**. Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, v. 8/9, p. 18-25, 2003/2004.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. 2010. Disponível em: <http://portodeideias.corinto.uni5.net/mbactrl/upload%5CBiblioterapia.pdf>. Acessado em: 01 de março de 2010

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e Terapia**. Florianópolis, SC. Tese Doutorado em Literatura no Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, linha de pesquisa Filosofia e Ciência da Literatura, área de concentração Teoria Literária. 2009, 216 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3 ed. RJ: Nova Fronteira, 1999, 2128 p.

FERREIRA, Danielle Thiago. **Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, SP, v.4, n.2, p 35-47, jun. 2003.

FERREIRA, Neilia Barros; GUEDES, Mariana Giuberti. **A importância da biblioteca e da biblioterapia na formação dos internos do Orfanato Lar Rita de Cássia**. Disponível em: [http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/650/1/2008\\_NeiliaFerreira\\_MarianaGuedes.pdf](http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/650/1/2008_NeiliaFerreira_MarianaGuedes.pdf). Acessado em: 01 de março de 2010. Monografia. Universidade de Brasília: Brasília, 2008, 133 p.

HASSE, Margareth. **Biblioterapia como Texto**: análise interpretativa do processo biblioterapêutico. (Dissertação de Mestrado), Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2004.

LUCAS, Elaine R. de Oliveira; CALDIN, Clarice Fortkamp; SILVA, Patrícia V. Pinheiro da. **Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar**: estudo de caso. *Perspect. ciênc. inf.*, Belo Horizonte, v.11 n.3, p. 398-415, set./dez. 2006.

NETO, José Francisco de Melo. **Pesquisa-ação**: (aspectos práticos da *pesquisa-ação* nos movimentos sociais populares e em extensão popular). Disponível em: <[www.prac.ufpb.br/copac/extelar/producao.../pa\\_a\\_pesquisa\\_acao.pdf](http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/producao.../pa_a_pesquisa_acao.pdf)> Acesso em: 01 de agosto de 2011. [2003?], 9 p.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 74.

LAR DA CRIANÇA RAI DE LUZ. **Quem somos**. In: \_\_\_\_\_. Disponível em: <<http://raiodeluz.org/>>. Acesso em: 01 de maio de 2011.

RATTON, Ângela Maria Lima. **Biblioterapia**. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v.4, n.2, p. 198-214, set. 1975.

ROUDENESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro; Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia**: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. Florianópolis: Habitus, 2006.

SIMÕES, Paula Eduarda Caetano **Biblioterapia, ação que sensibiliza**: uma revisão de literatura da produção brasileira de 2000-2010. Trabalho de Conclusão de Curso. Furg 2010, 18 p.

SUNDERLAND, Margot. **O valor terapêutico de contar histórias**: para as crianças, pelas crianças. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum; Ana Lucia da Rocha Franco. São Paulo: Cultrix, 2005.